



19 97

REQUERIMENTO

N.º 9836

Requeiro à Mesa, cumpridas as formalidades regimentais, seja transcrita em Ata o artigo intitulado SABER DE PONTA, de autoria de Manoel Francisco Brito e publicado na REVISTA VEJA, Edição n.º 1501 de 25 do corrente,

JUSTIFICATIVA:

O referido artigo analisa o elevado estágio em que se encontra o Recife frente à outras cidades brasileiras no campo da informática. Com justiça, a matéria destaca o papel que o departamento de informática da UFPE, desempenha para que nossa cidade ocupe a destacada posição de vanguarda constatada por VEJA.

Como exemplos ilustrativos, a matéria destaca que na reunião da Internet Society, o organismo que coordena a rede mundial, em Kuala Lumpur, na Malásia, dois dos três trabalhos da América Latina selecionados para uma apresentação foram produzidos por professores e alunos do departamento.

Outro dado demonstra, que em maio, os 7000 usuários da Elógica, provedor de acesso a internet, ficaram ligados na rede durante 37,8 horas em média. Os 7000 clientes paulistas da Dialdata, outro provedor de acesso, chegaram apenas à metade disso no mesmo período.



CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

RUA PRINCESA IZABEL, 410 - BOA VISTA - CEP: 50050-450 - RECIFE - PERNAMBUCO

Continuação do REQUERIMENTO N^o _____/1997

Além disso, segundo a matéria, a indústria da informática do Recife conta, hoje, com 465 empresas, 78 delas dedicadas a desenvolver programas. No ano passado, faturaram cerca de 100 milhões de dólares. E acrescenta, tudo isso faz do Recife uma das cidades mais plugadas do País.

Requeiro a transcrição do artigo, como uma das formas da Câmara Municipal demonstrar a sua sensibilidade para um tema que já representa a alternativa econômica mais conseqüente para a cidade. É preciso que todos acreditemos nesse setor, assim como fizeram os pioneiros do departamento de informática da UFPE.

Da aprovação deste, dê-se conhecimento, do seu inteiro teor, ao diretor de redação da Revista Veja, na Caixa Postal 14110, CEP 02909-900, São Paulo-SP e ao Dr. Sílvio Lemos Meira, no departamento de Informática da UFPE,

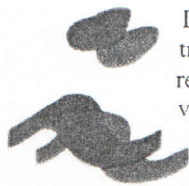
Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife em 25 de junho de 1997


Waldemar Borges
Vereador-PPS

Saber de ponta

Professores da UFPE colocam o Recife no mapa dos centros de excelência em informática

Manoel Francisco Brito, do Recife



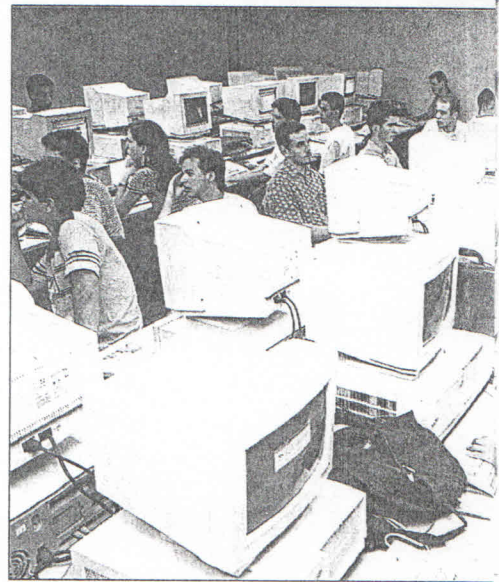
Descontente com a beca tradicional que lhe foi oferecida, há três anos, para vestir na cerimônia em que seria ungido professor titular do departamento de informática da Universidade Federal de Pernambuco, Silvío Meira quis inovar. Nascido em Taperoá, no interior da Paraíba, fissurado pela cultura nordestina, queria que a indumentária fizesse alguma alusão à região. Consultou o poeta Ariano Suassuna, passou suas informações a uma amiga cenógrafa e costurou o que ele chama de capa-beca armório-acadêmica. A vestimenta, com bordas vermelhas e azuis, uma cobra verde caindo do ombro e um imenso logotipo colorido, causou espécie em sua estréia nos rituais acadêmicos. "Foi gente tossindo, bocas caindo, um evento", lembra Paulo Cunha, também professor do departamento e atual pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da universidade. "Muitos reclamaram da roupa", conta Cylton Galamba, que abandonou o departamento de informática para se dedicar à escultura. Mas ficou só nisso. Nem poderia ser de outra maneira. Afinal, Meira é uma sumidade em matéria de computação. E o corpo docente da Universidade Federal de Pernambuco sabe disso. Graças a ele, e com o empenho direto de Cunha e Galamba, o departamento de informática da escola ganhou fama como um centro de excelência em tecnologia digital.

É lá, financiado por uma verba de 150 000 dólares da IBM, que funciona o principal laboratório brasileiro de pesquisa sobre o Java, a linguagem que, ao permitir que computadores diferentes se conectassem sem maiores problemas, revolucionou a Internet. Nesta semana, na reunião anual da Internet Society, o organismo que coordena a rede mundialmente, em Kuala Lumpur, na Malásia, dois dos três trabalhos da América

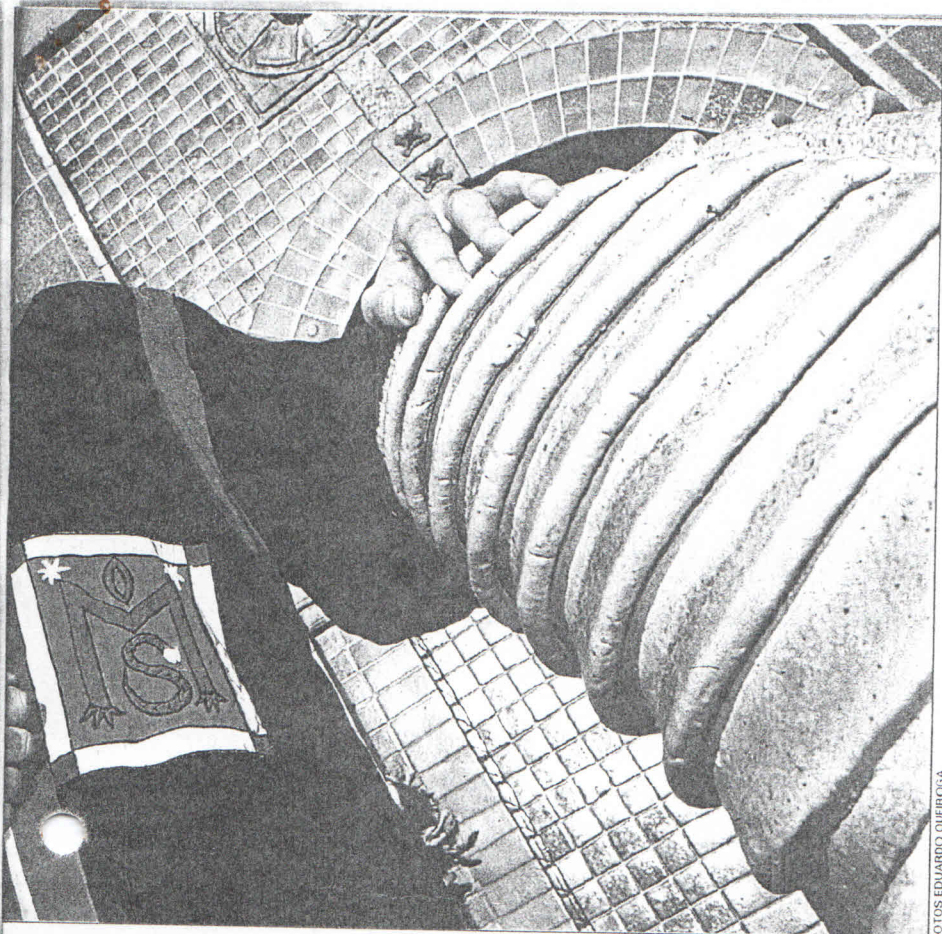
Latina selecionados para uma apresentação foram produzidos por professores e alunos do departamento. Carlos Lucena, professor titular em ciência da computação da PUC do Rio, aos 53 anos de idade considerado o patriarca do ensino de informática do país, coloca o trabalho de Meira e sua tropa no topo de uma lista que inclui pesos pesados tradicionais na área, como a própria PUC carioca, a Unicamp e a UFMG. Sua opinião não é isolada. "Lá está estampada a cara de um nordeste que não estamos acostumados a ver no sul: dinâmico, empreendedor e extremamente competente", diz Ivan Moura Campos, secretário de Política de Informática do Ministério da Ciência e Tecnologia e professor titular da UFMG.

"Só ficamos devendo a algumas instituições de ensino dos Estados Unidos. E assim mesmo em termos de equipamento, não de conhecimento", afirma Meira. Seus 38 professores — dos quais 34 têm Ph.D. no exterior — publicaram no ano passado 81 trabalhos, entre artigos e palestras em conferências. O mestrado, que conta com 92 alunos, ganhou nota A na avaliação feita pela Capes. O doutorado, em que estão 36 estudantes, ficou com B, o que não deixa de ser um feito raro, considerando que o curso foi inaugurado há apenas quatro anos. Os dois prédios por onde se espalham suas instalações, com chão, paredes e banheiros imaculados e ar condicionado em todas as salas, têm pinta de coisa de Primeiro Mundo. Além das salas de aula, abriga doze laboratórios de pesquisa que põem equipamentos de ponta à disposição dos quase 500 estudantes que frequentam seus cursos.

Nada de choro — Aos 100 PCs, somam-se 130 estações de trabalho Unix — um sistema operacional que encanta qualquer cientista. No próximo dia 27, inicia-se o uso do SP2, máquina de 1 milhão de dólares que serviu de base ao Deep Blue, o computador que, em maio, derrotou o campeão mundial de

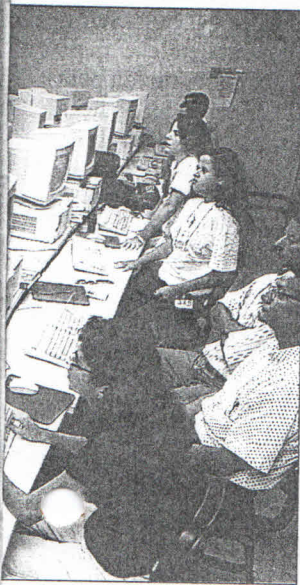


xadrez Garry Kasparov. O SP2, parte de um programa de cooperação científica com a IBM, foi financiado com recursos da Finep e incentivos fiscais. Sua entrada em operação é um marco num departamento de informática que, em 1985, quando Meira voltou de seu doutorado na Inglaterra, estava moribundo. O único equipamento disponível era uma ultrapassadíssima, para a época, perfuradora de cartões. "Eu queria morrer, ir embora", recorda.



FOTOS EDUARDO QUEIROGA

Meira, com sua beca armório-acadêmica, o laboratório de pesquisa (à esq.) e a equipe do Recife Beat: "Só devemos aos americanos"



Não fez uma coisa nem outra, claro. Além de estar decidido a viver e aplicar seus conhecimentos no Nordeste, encontrou dentro do departamento tanto Galamba quanto Cunha. Ambos engenheiros como Meira, foram para o exterior na década de 70 fazer o doutorado em informática. Foi justamente pelo exemplo que recebeu deles que Meira decidiu ir estudar fora. Os três atrelaram suas carreiras umas às outras em 1980, quando Galamba, convocado para orga-

nizar o núcleo de processamento de dados da UFPE, que tratava quase só de problemas administrativos, levou os outros dois para ajudá-lo. Era a época da reserva de mercado, o que condenava qualquer um que estivesse trabalhando com computadores no Brasil à defasagem tecnológica.

"Eles não ficaram chorando, como muita gente fez", diz Campos, do MCT. "Foram à luta." Enquanto Meira estudava para virar doutor, Galamba e Cunha

trabalhavam para estreitar seus contatos com centros de informática do sul do país, que dispunham de máquinas mais avançadas, e devoravam tudo o que vinha sobre o assunto do exterior. No começo dos anos 80, tentaram replicar a Internet, na época uma rede que conectava apenas universidades americanas, entre as instituições de ensino e pesquisa do Brasil. A SEI destruiu o sonho ao proibir a importação dos computadores. Nenhum dos três guarda boa memória da época da reserva, mas acham que trouxe um benefício. "Tínhamos de estudar de tudo. A reserva, pelo menos, ajudou a formar uma massa crítica na área de informática", diz Cunha.

Relevância — Ana Carolina Salgado, atual chefe do departamento de informática e sua ex-aluna, encontrou, ao voltar de seu doutorado na França, situação completamente diferente da que havia deixado para trás. "Já haviam feito uma revolução", afirma. O departamento tinha prédio novo e algumas máquinas. Meira era o dínamo, uma usina de idéias. Cunha dava método às coisas. Galamba, o mais velho dos três, cuidava para que ninguém atrapalhasse o que se queria fazer. Para chegar aonde chegaram, fizeram um cuidadoso planejamento e contaram com alguma sorte, como a presença do pernambucano Marco Maciel no Ministério da Educação do governo Sarney. Foi por meio dele que saíram os recursos para o prédio novo e suas primeiras máquinas. O passo inicial de toda essa mudança foi esquecer a pós-graduação e investir na graduação.

Cunha, Galamba e Meira combinaram algumas regras que, até hoje, são seguidas à risca. Só contratam professores com doutorado no exterior. É uma maneira não só de evitar dar diplomas e empregos a si próprios, como lembra Meira, mas também de trazer conhecimento novo e elevar os padrões de auto-avaliação. Na graduação, resistiram aos apelos de empresas nordestinas de formar gente apenas para trabalhar em seus quadros. "Não damos treinamento, mas formação", diz Salgado. Decidiram também manter os olhos focados sobre qualquer pesquisa referente a tecnologia de ponta — desde que pudesse ser aplicada. "Não adianta fazer pesquisa pura que não gere benefícios econômicos e sociais", enfatiza Meira. É o que ele chama de pesquisa com rele-



Galamba, agora interessado em obras de arte: cuidando para ninguém atrapalhar

EDUARDO QUEIROGA

vância e que seus colegas seguem à risca. A professora Teresa Lurdemir, por exemplo, trabalha com o uso de computadores na agricultura de olho nos benefícios que ele pode trazer à produção canavieira no Estado.

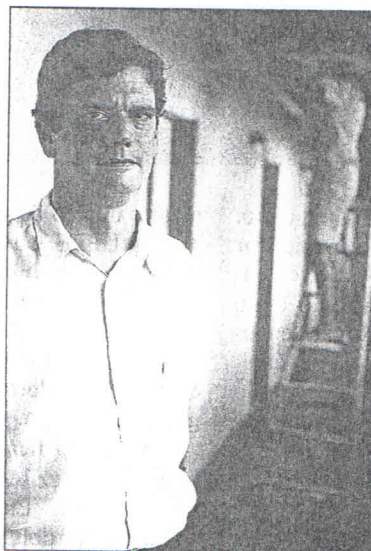
Plugados — Ao entrar na década de 90, o departamento de informática já tinha gente qualificada o suficiente para levar a cabo o segundo passo de sua transformação. Faltava correr atrás do dinheiro. Meira teve uma idéia: criar um programa de pesquisa cooperada entre três instituições, uma das quais tinha de ser um centro emergente, ainda sem tradição. O CNPq comprou a idéia, e, na condição de instituição emergente, o departamento de informática da Federal de Pernambuco encarou sua primeira pesquisa de fôlego na montagem de um banco de dados geográficos. Finalmente, com um pé dentro dos órgãos governamentais de financiamento à pesquisa, o departamento saiu em busca do dinheiro da iniciativa privada. Hoje, além da IBM, mantém convênios com outras potências da informática, como a Sun e a Digital, e da economia nordestina, como a rede de supermercados BomPreço e a Telefônica de Pernambuco, Telpe. Graças a isso, pôde contar com um orçamento, em 1996, de 4 milhões de dólares. A expectativa é que a assinatura de outros convênios dobre a verba para este ano.

A transformação comandada por Meira, Galamba e Cunha se espalhou

pela universidade e transbordou para o Recife. “O departamento de informática ajudou a criar um setor da economia que não existia alguns anos atrás”, resalta Claudio Marinho, economista que trabalha na prefeitura do Recife e estuda o impacto de novas tecnologias na economia local. Hoje, a indústria de informática da cidade conta com 465 empresas, 78 delas dedicadas a desenvolver programas. No ano passado, faturaram cerca de 100 milhões de dólares. Tudo isso faz do Recife uma das cidades mais plugadas do país. Em maio, os 7 000 usuários da Elógica, provedor local de acesso à Internet, ficaram ligados na rede durante 37,8 horas em média. Os 7 000 clientes paulistas da Dialdata, outro provedor de acesso, chegaram apenas à metade disso no mesmo período.

Nesse embalo de mudança cultural, os professores do departamento querem que seus alunos aprendam a pensar grande. “Eles precisam montar suas empresas em vez de

Cunha, hoje pró-reitor: “Estamos no limite. Temos de dar um salto”



res. As empresas que amadurecem e não precisam mais de tantos subsídios passam para o Cesar, ONG criada dentro do departamento, no final de 1995, com um objetivo que vai além de botar de pé firmas de alunos. Como entidade não governamental, ele é mais ágil do que a universidade, regida pela burocracia do serviço público, na hora de estabelecer parcerias com a iniciativa privada.

Apesar do sucesso, o clima entre os professores do departamento é, hoje em dia, de certa ansiedade. “Andamos bastante, mas estamos chegando ao limite. Precisamos dar outro salto de qualidade”, afirma Cunha. A resposta estaria em transformar o atual departamento num

centro de tecnologias da informação, desenvolvendo pesquisas em outros setores da universidade e com independência para estabelecer futuros convênios. O reitor da UFPE, Mozart Neves, diz-se encantado com a idéia. “Vamos fazer”, afirma, para depois colocar tudo no condicional, insinuando que o sucesso do seu pessoal da informática tem gerado larga dose de ciúme. ■

Com reportagem de Darlene Menconi, de São Paulo